

CAPÍTULO 11

Da escola à universidade: um relacionamento substancial com a política linguística

Darlise Vaccarin Fadanni

<https://doi.org/10.69570/mp.978-65-84548-31-2.c11>

1. PARA INICIAR

Uma vez que a língua é um instrumento, isso significa que uma língua pode ser avaliada, alterada, corrigida, regulada, melhorada e novas línguas podem ser criadas à vontade (TAULI, 1962, p. 605).

A metaforização de língua por Tauli (1962) me faz pensar sobre a minha vida, sobre como, principalmente, a minha história acadêmica acontece. Assim como a língua, vista pelo autor, a vida, em suas várias faces, pode ser avaliada, alterada, corrigida, regulada, melhorada e dela novas histórias podem surgir. Mas, por que relacionar a língua com a vida? Porque a minha vida, por meio dos estudos sobre língua (portuguesa), identifica quem eu sou.

Neste texto, eu discorro sobre a minha história com a(s) língua(s), sublinhando um relacionamento que vai além do uso comunicativo, falo de uma afinidade profissional, pois sou docente de língua portuguesa no ensino básico. É justamente no exercício da profissão que eu percebo a importância de ir ao encontro da pós-graduação *stricto-sensu* dar lugar ao sonho de ser mestra. Então, escrevo sobre o meu relacionamento com a política linguística, tema de pesquisa que me intitulou Mestra em Estudos Linguísticos e que me encorajou a navegar pelo mundo do doutorado. Portanto, no decorrer desta produção, objetivo demarcar a minha história com a política linguística, um encontro que surge no mestrado e que se fixa no doutorado.

Início meu relato contextualizando os leitores sobre quem sou. Na sequência, faço minha apresentação profissional, com vistas à compreensão dos laços com a língua. Na continuidade, descrevo o surgimento da política linguística em minha vida, primeiramente pelo mestrado e, posteriormente, pelo doutorado. No percurso que ainda se desenvolve, eu friso uma das muitas histórias que formam a minha vida. Essa parte é tão importante como muitas outras, que individualmente possuem o peso necessário para a completude do todo.

Acredito que, na troca de experiências, o ser humano se constrói com eficácia, se concebe profissionalmente, firmando um propósito consigo e com a sociedade. Ao passo que escrevo, reflito sobre minha história, acolho todas as inconsistências e ressignifico minha vida. Ciente de que o ponto de vista sobre o que lemos parte daquilo que já está em nós, espero que este texto possa, de alguma maneira, servir de motivação, ou então, que possa contribuir em discussões que venham para ampliar o campo de visão.

2. NO ENSINO BÁSICO, A LÍNGUA PORTUGUESA

Na retrospectiva da minha vida, eu percebo histórias que se entrelaçam em favor daquilo que um dia escolhi como profissão: professora de Língua Portuguesa. O professor de Língua Portuguesa é o profissional responsável pela condução do estudante sobre o tripé da leitura: compreender, interpretar e, a partir de um ponto de vista, analisar criticamente. Tarefa desafiadora essa para uma época em que a tecnologia aliena, deixando os estudantes fixados na ação do *copiar e colar*, em que o ato de pensar é dolorido. Um desafio que, além do mais, precisa ser ressignificado no processo como um todo.

Geraldi (2012, p. 19) corrobora a importância da leitura, dizendo que o ensino da língua portuguesa precisa estar associado ao processo de “[...] integrar o trabalho com a linguagem em sala de aula, através da leitura ou da produção de textos que levem o aluno a assumir crítica e criativamente a sua função de sujeito do discurso, seja enquanto falante ou escritor, seja enquanto ouvinte ou leitor-interprete”. As possibilidades no ensino da língua se alongam à estrutura gramatical em que:

[...] diante de **Maria das Dores**, *outra xícara de café*, a gramática falará da classe de palavra, do gênero e número de outra referidos, por exemplo, a xícara e até esboçará a equivalência de tal enunciado, conforme a situação linguística em que se empenham falante e ouvinte, com: Maria das Dores, *traga-me outra xícara de café* (BECHARA, 2021, p. 24, destaques do autor).

No exercício da profissão, na realidade do processo de ensino-aprendizagem com jovens e adolescentes, houve o sonho de ser mestra na área de atuação. Entre o ensino básico e a universidade, existe uma bela intimidade com a política linguística. Porém, para contar a você sobre esse sonho, peço que encoste sua atenção sobre mim e conheça um pouco dessa história.

Ao adentrarmos nesse contexto, não posso deixar de mencionar como tudo começou. Vamos lá! Filha da roça e parte deste mundo, o meu contato com a língua portuguesa sempre foi curioso, já que os traços de fala revelam as variações éticas, que nesse caso vertem do italiano, e regionais, características do Extremo Oeste de Santa Catarina, como a pronúncia do R. Desde menina, sempre busquei aperfeiçoar-me na língua que me apresentaram como materna, a língua portuguesa, e com isso fui estabelecendo uma relação de cumplicidade com a língua, que para muitos é um mecanismo de comunicação, mas, para mim é, além disso, um perfil profissionalmente identitário.

Quando ingressei meus estudos “na cidade” (séries finais do fundamental), confesso a vocês, não foi muito fácil, porém tudo deu certo e com muito êxito. Na época, não tínhamos livros de literatura, teóricos e didáticos, que nos ajudassem a interagir com a língua padrão. Hoje, com o avanço das tecnologias e, junto a elas, as políticas públicas, os livros estão possibilitados e a língua padrão está muito mais próxima. Acredito que a motivação pelos estudos e paixão pela leitura contribuíram significativamente com o meu desempenho linguístico.

Já no ensino médio, na época o chamado segundo grau, optei pelo magistério e nesse período já dei os meus primeiros passos como professora. Na sequência, os desencontros promovidos pelo acesso ao ensino superior fizeram-me sair, por um curto espaço de tempo, do magistério. Porém, pela lei da persistência, eu retornei à graduação de Letras Português e Espanhol. Nessa época, eu já estava casada e com um belo menino nos braços, eu já era mãe. Foi muito difícil, pois a universidade ficava a

alguns quilômetros de minha casa, por isso, em todas as noites da semana, viajávamos de ônibus em busca de uma profissão. Conquistado com muita dedicação, o diploma de graduação abre-me as portas da escola, permitindo que eu ingressasse como docente concursada de língua portuguesa.

Desde então, sou professora de língua portuguesa do ensino básico de Santa Catarina. No decorrer da profissão, fui designada aos cargos de coordenação pedagógica, de gestão escolar, de gestão municipal de educação e recentemente de gestão regional de educação. Funções essas que nos fazem olhar para o aluno dentro da comunidade escolar, correlacionando o seu contexto de vida ao seu desempenho escolar, bem como contribuir com os demais colegas professores no processo de avaliação.

3. NO MESTRADO, O ENVOLVIMENTO COM A POLÍTICA LINGUÍSTICA

Em 2017, o sonho de ser mestra ressurgiu com veemência e a cobrança me exigiu uma atitude imediata. Porém, a inquietação sobre a disponibilidade de tempo para estudar é motivo de muita angústia. Sendo professora sessenta horas semanais, como encontrar horário para estudar? Eis que surge a solução. Visitando a página da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) de Chapecó, SC, encontrei o caminho para o tão desejado curso de pós-graduação em nível de mestrado: iniciar cursando uma disciplina isolada. Foi assim que em 2019 eu ingressei na pós-graduação *stricto sensu* em Estudos Linguísticos da UFFS, onde mantenho meus estudos até hoje.

Aquele ano foi intenso, no início, a disciplina isolada, associada aos estudos do processo seletivo do curso escolhido. Na sequência, o processo seletivo e toda dinâmica de aprovação. Finalmente, mestranda em Estudos Linguísticos pela UFFS. Foi incrível, eu costumo dizer que, naquele ano eu renasci, meu ser sentia a energia da jovialidade, o meu trabalho se renovava, minhas expectativas sobre a educação se fortaleciam. Portanto, gratidão é a palavra que invade o meu ser. Frente a isso, mais um grande desafio, reorganizei meus horários, baixei a cabeça sobre os estudos e o trabalho, foquei na conquista, como resultado, em 2021 sou agraciada com o título de mestra em Estudos Linguísticos pela UFFS de Chapecó, SC.

Mas, você deve estar se perguntando, onde entra a política linguística nessa história? Então, a política linguística surge pelas mãos da Profa Dra. Maria José Laiño, minha orientadora. Uma pessoa incrível, aplicada e muito comprometida. Na arguição do pré-projeto, ela me questiona: – Você concorda em mudar seu tema de pesquisa? Prontamente, respondo que sim. De início, tínhamos outros temas, bem depois surge a política linguística, como a parte mais curiosa e mais intensa dessa trajetória, com um foco no ineditismo. Acompanhem!

Quando escrevi meu pré-projeto de pesquisa, como requisito do processo seletivo, estava certa de que prosseguiria com ele, mas não foi bem assim. Lembro que o meu objetivo, naquele período, era desenvolver uma pesquisa no entorno da formação continuada dos professores de língua portuguesa. Diante de minha experiência em sala de aula, considerei importante focar nesse tema, já que, futuramente, o meu intuito seria de seguir como formadora nessa área. Contudo, a vida nos reserva surpresas interessantes e aquilo que estava claramente por mim desenhado, como pesquisa de mestrado, fica no pré-projeto de seleção, nada além disso.

No segundo semestre de 2019, no decorrer do curso, minha orientadora me chama para conversarmos sobre o meu projeto de pesquisa. Marcamos nosso encontro no *Quiero Café*, um espaço gostoso e muito tranquilo da cidade de Chapecó, SC. Ali, envoltas pelo aroma delicioso de café, conversávamos sobre as possibilidades temáticas que se encaixavam no escopo de sua pesquisa e, por fim, nasce uma ideia diferente daquela que já estava desenhada por mim e que fora apresentada no pré-projeto de pesquisa. Era o momento de recomeçar. Novas leituras deveriam ser feitas para que o então esperado projeto de pesquisa se tornasse realidade.

Frente à nova temática, retornando para casa, eu lembro que um nervosismo se instalou em mim e lágrimas jorraram livremente, eram lágrimas de emoção. Nesta etapa do *stricto sensu*, eu andava pelos campos da Análise de Discurso, então minha orientadora me sugere pesquisar sobre “[...] a relevância identitária do professor de línguas, materna ou estrangeira, na tradução discursiva em sala de aula”. Para tanto, propõe-me, inicialmente, a leitura de Coracini (2007), intitulada “A celebração do outro: arquivo, memória e identidade: línguas (materna e estrangeira), plurilinguismo e

tradução”. Desse dia em diante, minhas leituras seguiram com rigor a indicação de minha orientadora.

Em fevereiro de 2020, com o projeto pronto, enviei cópia à professora, alguns dias depois nos encontramos novamente para discutirmos o projeto. Eu lembro nitidamente desse momento, foi nos primeiros dias de março de 2020, alguns dias antes do fechamento do comércio e de qualquer ambiente social, devido à Covid-19. Sentadas uma em frente à outra, no local de sempre, no *Quiero Café*, a professora considera o ineditismo e diz: – Vamos trabalhar a política linguística da UFFS. Vamos analisar “[...] lugar da língua estrangeira na política linguística da UFFS” e, assim, explica-me os detalhes sobre a relevância social desse tema, bem como de sua importância para a universidade. A pesquisa, doravante, debruçar-se-ia sobre a Resolução nº11/CONSUNI/UFFS/2018, documento que aprova a política linguística da UFFS.

Confesso, fiquei assustada, mas concordei com a nova proposta e, diante da convicção da professora, não tive dúvidas de que daria certo. Assim, ela me apresentou o documento, discorreu sobre os pontos que deveriam ser observados. Nesse dia, no retorno para casa, o volante é o meu refúgio. A nova temática era totalmente diferente de tudo o que eu já havia trabalhado, era de fato algo inédito, principalmente, para mim. Na escuta, eu e ele, o volante do meu carro me acalma e novamente lágrimas caem torrencialmente, mas desta vez eram de medo de não conseguir tempo hábil para as novas leituras e para uma nova escrita. Conversei com Deus e pedi serenidade. Deus me deu mais do que isso, presenteou-me com o tempo que precisava para ler e escrever.

No refúgio da pandemia de 2020, eu consegui me apropriar do tema política linguística. No início, observaríamos uma língua, depois de muitas considerações, compreendemos a necessidade de analisarmos todas as línguas contempladas pela Resolução que endossa a política linguística da UFFS. No contexto da pandemia da Covid-19, a política linguística da UFFS foi o meu alento. Juntas firmamos um compromisso de cumplicidade. Meu tema de pesquisa doravante fixava-se em uma “[...] análise descritivo-analítica da política linguística da UFFS, com foco nas ações sobre as línguas”. Assim, debrucei-me sobre ele, com toda a minha energia e com a certeza de que tudo daria certo.

Entramos em 2021, é tempo de defender a pesquisa, 08 de agosto de 2021, data de honraria, é o dia da defesa. Uma reunião síncrona, via Webex, foi organizada pela Profa Dra. Maria José Laiño, tudo acontece conforme a programação. As considerações da banca, pós-defesa, refinaram o texto que em seguida estaria pronto. Texto aprovado pelo conceito A. É tempo de agradecer e de sorrir.

Em trinta dias, o texto foi encaminhado para publicação e a dissertação, intitulada: “O lugar das línguas na política linguística da Universidade Federal da Fronteira Sul: uma análise entre o planejamento linguístico e as ações implementadas no *campus* Chapecó/SC”, estaria disponível para leitura e à disposição da pesquisa. Porém, a investigação sobre política linguística não finda ali, segue no caminho da pós-graduação *stricto sensu* em Estudos Linguísticos da UFFS em nível de doutorado.

4. NO DOUTORADO, A POLÍTICA LINGUÍSTICA COMO POLÍTICA PÚBLICA

Os estudos sobre política linguística me demonstraram sua importância no que diz respeito ao esmero linguístico de uma nação. Frente à ideia de que dificilmente teremos uma nação monolíngue, ousei na busca pelo título de doutora em Estudos Linguísticos pela UFFS, desta vez, na linha de pesquisa “Diversidade e Mudança Linguística”. No decorrer das minhas leituras, eu percebi que o tema em questão tem maior abrangência de análise nessa área. Isso acontece pelo fato de estar intimamente ligado às questões que discutem a valorização das línguas, questões voltadas à sociolinguística.

Ademais, o ingresso no curso de doutorado me provou que para estar ali precisamos estar alinhados a uma teoria que nos leve ao desenvolvimento de nossa pesquisa. Mostrou-me também que, por mais leituras que se faça, ainda será pouco, precisamos de amadurecimento investigativo para fluir no processo e conseguir transformar uma pesquisa em uma tese. Mostrou-me que não basta um tema, precisamos de uma ideia inédita para que o trabalho de quatro anos não fique guardado e sirva simplesmente aos requisitos do título. No final, a tese precisa ser lida, questionada e investigada para que dela novas pesquisas tomem forma e contribuam

para ciência das línguas. Assim, nasce a ideia de qualificar a política linguística como política pública educacional, com referência à Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

O tema de investigação é o ensino de línguas implementado pela política linguística do currículo do Novo Ensino, a partir da Lei 13.415/2017, documento que regulamenta essa etapa escolar. Esse tema toca a questão do ensino de línguas, já que o documento analisado é um discurso oficial que norteia a educação, deixando ver modos de compreender as línguas ofertadas na última fase da educação básica, o Ensino Médio. Para orientar-me, convidei o Prof. Dr. Marcelo Jacó Krug, que acolheu meu convite e prontamente me inseriu em seu escopo de pesquisa; gratidão sempre.

Vamos então à trajetória de alguns dias, meses, de doutoranda. Em 2022, eu sou aprovada no curso de pós-graduação *stricto sensu* em Estudos Linguísticos pela UFFS, *campus* Chapecó, SC. Desde então, a minha vida continua intensa e composta por mais histórias no que tange ao estudo e à pesquisa, que me levam a um grau mais elevado sobre a compreensão de política linguística. O início me trouxe o medo alinhado ao pensamento de impossibilidade, mas o tempo passa e chega a percepção de que a conquista é uma consequência das nossas ações. Assim, eu compreendo que tudo daria certo.

Vou, então, confortando meu eu, que precisa estar harmonizado para que a tese se torne uma realidade. Não nos esqueçamos de que o nosso ser é um conjunto de várias funções, que exercemos na vida e que somam na construção de nossa história. Para 2022, reservei-me ao direito de ingressar no doutorado em Estudos Linguísticos. Para tanto, depus ali muita energia e foco, em alguns momentos, precisei abster-me do lazer, mas sempre tive o cuidado de não deixar de conviver com os meus pais. Então, semanalmente, aos domingos, eu usufruía desse direito.

Porém, em julho desse mesmo ano, e, curiosamente, no período de avaliação de ingresso no curso, Deus, subitamente, leva meu pai para junto de si. A dor tomou meu ser, invadiu minha alma, ferindo meu corpo por inteiro. Uma revolta invade meu ser por não entender os desígnios da vida. Meu pai era um homem forte, aparentemente, não manifestava nenhum tipo de moléstia. Era e continua sendo a minha base inspiradora.

Nas reflexões sobre o fato, eu percebia que algo estava errado com ele e que o infarto era uma consequência daquilo que estava alojado em seu organismo e que eu não havia percebido. Isso gerou em mim um sentimento de culpa por não ter olhado mais para as especificidades do seu semblante, bem como para as pequenas manifestações do seu corpo, a fim de evitar sua partida. Minha cabeça fervilhava em busca das possibilidades de cura, causando desarmonia sentimental. A culpa me acompanhou por muito tempo. Os dias eram intermináveis, rezei incansavelmente, Deus foi e continua sendo meu grande mestre, meu conforto e minha luz. Lutei muito para não ficar deprimida. Frente a isso, eu precisei ressignificar minhas verdades, a fim de compreender melhor quem somos e o que somos.

Associada a dor que estava em mim por nunca mais poder abraçar meu pai, estava a minha vida em todos os seus segmentos, família, trabalho e o doutorado. Sim, mesmo invadida pela dor da perda, naquela semana, eu finalizei o processo de avaliação e o resultado foi de aprovação. Em agosto, iniciei o curso e o fato me deu forças para lutar. O doutorado me ajudou a vencer o sentimento de culpa e a entender que cada um de nós tem um tempo de estadia nessa trajetória chamada de vida, que o amor se concretiza nas ações que realizamos em favor ou não da vida, essas de fato regem nossa história. Hoje, eu sei que o meu pai não é simplesmente um corpo, é uma história que existe em mim.

Em vista disso tudo, sublinho minha resiliência de vida, com vista à persistência de conquista. Mesmo na turbulência emocional, o propósito de ser doutora em Estudos Linguísticos fala mais alto. Desse modo, a interação com a política linguística fica mais forte ao passo que os diálogos com Calvet (2002, 2007) e com Orlandi (2001, 2007) vão tomando forma. Calvet (2002, 2007) defende a ideia de que a política linguística existe para dar voz ao planejamento linguístico na implementação de ações sobre a língua em sua estrutura e sobre a valorização do plurilinguismo e do multilinguismo. Orlandi (2001; 2007) demonstra a política de línguas como instrumento de organização do multilinguismo brasileiro. Uma ação em favor das diferentes línguas que existem no país desde a colonização.

Discutir política linguística é ressignificar a língua no contexto nacional, principalmente no que diz respeito ao processo de escolarização, de ensino-

aprendizagem de línguas. Assim, com base na diversidade e nas mudanças linguísticas, eu perpasso o viés da análise de discurso e, com o auxílio de Orlandi (2001; 2007), eu olho para a história brasileira no que tange à política de línguas. Esse percurso tem a finalidade de colocar em evidência a importância da política linguística, como política pública educacional.

Em sua narrativa de oficialização da língua portuguesa no Brasil, Orlandi (2007, p. 65) registra que “[...] assumir esta narrativa padrão é desconhecer as relações políticas aí envolvidas. E se os diferentes linguistas podem aceitar esta síntese, é só na medida em que ela significa aquilo que, em cada caso, está aí significado em silêncio, em cada caso, o que está ali silenciado”. Dessa forma, a autora está demonstrando que o Brasil não é um país monolíngue.

Logo, para que a política de línguas, defendida por Orlandi (2002; 2007), tenha sua vez no contexto da política linguística, eu me reporto a Calvet (2002; 2007) e a demais autores que a desenvolvem teoricamente, com vistas a sua implementação, como política pública brasileira e mais especificamente, como política pública catarinense.

5. PARA CONCLUIR

Como fechamento deste texto, eu me reporto a Coracini (2007), que nos traz a redefinição do processo de ensino-aprendizagem, enfatizando a importância das relações entre o sujeito e a língua. No intuito de contribuir com as histórias de vida, descritas neste texto:

[...] urge redefinir a aprendizagem em geral e de línguas em particular, como um processo que se dá no corpo do sujeito constituído na e pela linguagem, sujeito do inconsciente, múltiplo e cindido, incapaz de (auto)controlar os efeitos de sentido de seu dizer e, portanto, incapaz de controlar os restos do que digere (apre(e)nde), restos, resíduos que passam pelo corpo e se fazem sangue, corpo e texto (inscrição e escritura). E é só quando esse processo de digestão acontece, quando o outro é (in)corporado, “fagocitado”, que é possível falar, efetivamente, de aprendizagem (CORACINI, 2007, p. 11, aspas da autora).

Frente ao contexto delineado na escritura deste texto, desde a minha função em sala de aula como professora de língua portuguesa, ao fato de assumir o papel de

estudante, essa citação reafirma minha proximidade com a língua e, por meio dela, com a política linguística. Uma história de professora, do meu ser profissional, em busca, persistentemente, por qualidade no processo de ensino-aprendizagem.

Essa história não tem o seu final, mas possui em si o desenho de sua tese. Com isso, enfatizo a importância de estarmos abertos às oportunidades que o universo nos oferece, possibilidades de fortalecimento, de empoderamento sobre o desempenho de nossa profissão. Além disso, podemos servir de inspiração para nossos alunos, que em consequência, novos profissionais se formarão com muito mais empenho, dedicação e compromisso, elevando o nível de qualificação no mercado de trabalho, seja ele onde for.

Sendo assim, finalizo este texto, agradecendo por toda e qualquer oportunidade que me fez crescer, primeiramente, como pessoa e, posteriormente, como profissional. Agradeço a você leitor(a), que depositou um tempo de sua preciosa vida para a leitura destas linhas, que revelam um pouco de minha trajetória de vida. Espero ter contribuído com a sua perspectiva. O texto se conclui, mas a minha história com o mundo acadêmico ainda continua e o mais lindo disso tudo é que muitas discussões sobre política linguística ainda virão.

REFERÊNCIAS

- BECHARA, Evanildo. **Gramática fácil**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2021.
- CALVET, Louis-Jean. **Sociolinguística**: uma introdução crítica. Tradução Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2002.
- CALVET, Louis-Jean. **As políticas linguísticas**. Prefácio de Gilvan Müller de Oliveira. Tradução de Isabel de Oliveira Duarte, Jonas Tefen, Marcos Bagno. São Paulo: Parábola: IPOL, 2007.
- CORACINI, Maria José. **A celebração do outro; arquivo, memória e identidade**: língua (materna e estrangeira), plurilinguismo e tradução. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2007.
- FADANNI, Darlise Vaccarin. **O lugar das línguas na política linguística da Universidade Federal da Fronteira Sul**: uma análise entre o planejamento linguístico e as ações implementadas no *campus* Chapecó/SC. Dissertação de Mestrado – Universidade

Federal da Fronteira Sul, Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Chapecó, SC, 2021.

GERALDI, João Wanderley (org.). **O texto na sala de aula**. São Paulo: Anglo, 2012.

ORLANDI, Eni Puccinelli (org.). **História das ideias linguísticas no Brasil**: construção do saber metalinguístico e constituição da língua nacional. Campinas, SP: Pontes; Cáceres MT: Unemat, 2001.

ORLANDI, Eni Puccinelli (org.). **Política linguística no Brasil**. Campinas, SP: Pontes, 2007.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL (UFFS). **RESOLUÇÃO Nº11/CONSUNI/UFFS/2018** – Aprova a política linguística da UFFS. Chapecó-SC, 2018.

Autora

Darlise Vaccarin Fadanni

Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (PPGEL), da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS).